

**TOPONÍMIA
DOS PRIMEIROS MUNICÍPIOS TOCANTINENSES⁵⁵**

Ana Lourdes Cardoso Dias (IFTO)
ana_dias@ifto.edu.br

RESUMO

A toponímia, subárea da onomástica, trata dos nomes dos lugares, ou seja, de seus significados, de suas origens, das transformações e das motivações. Neste trabalho, apresenta-se o estudo toponímico dos primeiros municípios do estado do Tocantins que se iniciaram e estabeleceram-se a partir da mineração, no século XVIII. A intenção é identificar os significados e as motivações que influenciaram a escolha dos nomes desses lugares. Para isso, procurou-se descrever, analisar e interpretar os topônimos que compõem esse sistema onomástico, tendo em vista que não são signos comuns da língua por sua função específica de referenciar e identificar entidades no espaço geográfico, além de serem instrumentos de veiculação de ideologias. Procedeu-se à coleta de dados por meio de documentos escritos de valor historiográficos que confirmam a existência dos topônimos em épocas anteriores e na atualidade. Esses documentos permitiram a reconstituição histórica dos fatos que motivaram a escolha toponímica e o resgate dos possíveis significados. Os resultados apontaram que as motivações para as escolhas dos nomes dos primeiros municípios tocantinenses fixam-se em crenças, valores culturais, ideologias, aspectos da realidade física da região, além dos aspectos cognitivos. Esses fatores refletem-se nas estruturas linguísticas dos topônimos, traduzindo a intencionalidade do denominador no ato denominativo.

Palavras-chave: Onomástica. Toponímia. Municípios tocantinenses

1. Introdução

Este trabalho consiste em um estudo da toponímia dos primeiros municípios do estado do Tocantins, aqueles que correspondem aos antigos arraiais mineradores, formados ainda no período colonial. A constituição desses arraiais teve como base as descobertas das minas de ouro no século XVIII na região. Com o passar do tempo, eles cresceram, tornaram-se povoados, vilas e cidades⁵⁶.

Os municípios localizam-se na mesorregião oriental do estado do Tocantins, distribuídos em duas microrregiões, a de Dianópolis e a de Porto Nacional.

⁵⁵ Este trabalho é um recorte da tese *Toponímia dos primeiros municípios tocantinenses*.

⁵⁶ Neste recorte, serão apresentados apenas alguns topônimos analisados na tese.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

Procedeu-se ao tratamento dos dados coletados, organizando-os em quadros individuais, baseados no modelo de ficha lexicográfico-toponímica de Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick (2004), utilizando as categorias de análise toponímicas de Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick (1990; 1992).

A pesquisa teve como principal objetivo a descrição, a análise e a classificação, desses topônimos, centrando-se nas motivações toponímicas que predominaram no ato denominativo. Além disso, buscou-se interpretar os significados desses nomes a partir da etimologia, da história e da geografia local. Para isso, iniciou-se a pesquisa fazendo um levantamento histórico e geográfico dos municípios contemplados e do estado do Tocantins desde a ocupação pelos primeiros exploradores até a atualidade para formação do *corpus*.

Utilizou-se para coleta dos dados, os diários de viagem de naturalistas europeus que visitaram o Brasil entre os séculos XVIII e XIX. Nesses textos, os autores deixaram registrados dados importantes a respeito da fauna e flora, das condições do meio ambiental, dos usos e costumes do povo, além de dados geográficos e históricos dos lugares por onde andaram.

Além desses documentos, outros de valor histórico que confirmam o nome dos lugares, o tempo e o contexto em que foram formados tais como dicionários topográficos e corográficos, enciclopédia dos municípios brasileiros do IBGE, dentre outros.

Os dados analisados apresentaram resultados relevantes para os estudos toponímicos brasileiros e para os do estado do Tocantins, visto que ainda são poucas as pesquisas voltadas para os estudos onomásticos, nesse estado.

2. *Toponímia: aspectos gerais*

A onomástica é a ciência que se ocupa dos estudos da origem e alterações (na forma e no significado) dos nomes próprios. Ela é um ramo das ciências linguísticas e, atualmente, divide-se em dois campos: a toponímia (estudo do topônimo ou nome de lugar) e a antroponímia (estudo do antropônimo ou nome pessoal).

A toponímia, por sua vez, pode apresentar subdivisões, dependendo de uma série de considerações. Por exemplo, a toponímia, segundo o

objeto de denominação, apresenta taxonomias como hidrônimo, astromônimo, litônimo, odônimo, orônimo, dentre outros termos que são correspondentes, respectivamente, de objetos que constituem formações aquosas, astros, formações pétreas, vias ou caminhos e serra.

Inicialmente, a denominação dos lugares ocorre pela necessidade humana de identificar as entidades do mundo em que se vive para responder às suas necessidades de relação com a natureza que o rodeia e para propiciar a organização e a comunicação social. É certo que nem todas as nomeações são devido à necessidade espontânea de identificação, pois muitas delas refletem a imposição de forças ideacionárias, político-religiosas e sociais.

As entidades do mundo que precisam ser nomeadas podem ser tanto pessoas quanto os elementos geográficos que estão ao seu redor e que tem importância para o grupo social, pois o que não tem importância não tem necessidade de ser identificado com nome. (COUTO, 2007)

Nomeiam-se os elementos geográficos da natureza, tais como rios, mares, lagoas, ilhas, continentes, serras e outros. Outras entidades que precisam ser nomeadas são os objetos da cultura, aqueles criados pelo homem, a saber: povoado, irrigação, represas, moradias (habitação), ruas, circunscrições político-territoriais que se localizam em algum ponto do universo físico. Há também aquelas cujo universo é criado pela cultura, o mundo não físico. Em qualquer caso, do universo real ou do imaginário, os elementos geográficos são os referentes dos topônimos. Estes, por sua vez, refletem uma visão de mundo, geralmente, específica em cada cultura. (SOLÍS FONSECA, 1997)

Segundo Gustavo Solís Fonseca (1997), isso implica na dificuldade de saber que referentes especificamente existem no universo, pois para isso deve ser levada em conta uma cultura determinada. Dessa forma, “os povos que concebem o universo real como um mundo que tem seu correlato mítico com outros mundos, tem vários universos de nomes toponímicos, portanto, maior riqueza toponomástica” (SOLÍS FONSECA, 1997, p. 13), já que possuem mais entes “geográficos” para nomear no espaço que os rodeia. Isso indica que, além de serem emissões linguísticas, os nomes que compõem um sistema de denominação são criações socioculturais.

Por conseguinte, a toponímia estuda não somente os nomes de lugares, os topônimos em si mesmo, mas também o sistema de denominação organizado pelas sociedades para nomear as entidades físicas e ima-

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

ginárias da sua cultura. Devido às diferentes visões de mundo, têm-se diferentes formas de nomear essas entidades. A definição da palavra *toponímia* envolve o significado etimológico do próprio vocábulo, do grego *topos* (lugar) e *onoma* (nome).

A nomeação dos lugares sempre foi uma atividade muito comum para a humanidade. Desde os tempos mais remotos, os registros antigos da história da civilização humana confirmam essa ação do homem sobre o lugar em que habita ou pretendia habitar, o que sugere uma forma de posse ou dominação, assim como significação, organização e orientação do espaço. Por outro lado, a nomeação manifesta-se como a ação do meio físico e sociocultural sobre o homem.

De fato, o estudo toponímico de uma região apresenta os aspectos socioculturais dos grupos e suas memórias históricas, os quais se refletem na forma dos topônimos. No entanto, o léxico toponímico não refletirá apenas os aspectos mencionados, mas também o da relação homem/espaço e homem/homem. Assim, compreende-se que o topônimo se refere ao lugar e ao homem que o criou. Daí se dizer que os nomes próprios de lugares proporcionam amplas possibilidades de estudo.

Para estudar as motivações toponímicas, dividem-se, nas pesquisas atuais, os topônimos em duas grandes categorias, a saber: nomes de lugares motivados por natureza ambiental – física e natural – e nomes de lugares motivados por natureza antropocultural. Em outras palavras, analisam-se as motivações toponímicas numa perspectiva ambiental e sociocultural.

Essa atitude concernente aos estudos toponímicos é respaldada em Edward Sapir (1969), o qual afirma que a força ambiental está condicionada à força social, isto é, os fatores físicos só irão se refletir na língua se neles atuarem, primeiramente, a força social. A esse respeito, o autor destaca ainda,

Por fatores físicos se entendem aspectos geográficos, como a topografia da região (costa, vale, planície, chapada ou montanha), clima e regime de chuvas, bem como o que se pode chamar a base econômica da vida humana, expressão em que se incluem a fauna, a flora e os recursos minerais do solo. Por fatores sociais se entendem as várias forças da sociedade que modelam a vida e o pensamento de cada indivíduo. Entre as mais importantes dessas forças sociais estão a religião, os padrões éticos, a forma de organização política e a arte. (SAPIR, 1969, p. 44)

Desse modo, o surgimento de um signo linguístico toponímico de caráter ambiental reflete a influência social do grupo ou grupos que integram nesse ambiente.

Tendo em vista o que foi exposto, pode-se afirmar que o topônimo é fruto da ação do homem sobre a natureza física, espacial e temporal e da natureza sobre o homem. Ele reflete as suas crenças, seus sentimentos e ideologia no ato da nomeação. O topônimo também preserva aspectos importantes dos valores culturais, políticos e sociais do momento denominativo na sua estrutura interna e na externa (elementos linguísticos), além de manter traços de períodos anteriores da língua ou de línguas.

E, ainda, o nome do lugar – o topônimo – é um elemento de legitimação de identidade cultural por ser uma representação simbólica específica do espaço. Ao nomear um lugar, o homem cumpre com a finalidade de identificar, particularizar e referenciar os espaços geográficos aposados e os imaginados.

Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick (1992) adverte que o topônimo não é um signo comum da língua. Como suporte de identificação, ele carrega uma carga ideológica, política, histórica e sociocultural.

O topônimo não é algo estranho ou alheio ao contexto histórico-político da comunidade. Ao contrário, reflete, de perto, a própria substância ontológica do social, onerado que está de uma profunda carga significativa. Um solo agreste, um clima árido, uma vegetação pobre ou abundante, uma escassez hidrográfica, a peculiar atividade regional ou, por outro lado, a relativa segurança econômica e as tendências artístico-religiosas predominantes na localidade, tendem a configurar, com precisão, o sistema toponímico em espécie, aberto a todas as feições culturais. (DICK, 1992, p. 47)

A autora destaca ainda que, ao refletir, de perto, a vivência do homem, tanto como entidade individual ou como membro de um grupo, a toponímia desempenha um importante papel para a história de um povo, isto é, a função de conservar suas tradições ou os registros de suas características mais importantes.

Quanto à metodologia de trabalho, Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick (1990, 1992) sugere um modelo de análise com objetivo de verificar as causas motivadoras dos nomes próprios de lugares. Essas causas estão fundamentadas na duplicidade dos fatores ambientais, isto é, físicos e socioculturais, em consonância com o pensamento de Edward Sapir (1969). Esses fatores, por sua vez, subdividem-se em categorias menores de 27 taxes, das quais 11 estão relacionadas aos aspectos físicos e 16 aos aspectos antropoculturais do ambiente. Com essa classificação,

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

busca-se apreender as causas motivadoras das denominações e chegar à significação toponímica. Nesses termos, segue-se a análise toponímica de alguns topônimos tocantinenses.

3. Análise toponímica

A análise, em questão, visa à compreensão dos processos histórico, ideológico, sociocultural e psíquico que contribuíram para a formação, manutenção ou mudança dos topônimos dos primeiros municípios do estado do Tocantins. Busca-se, também, demonstrar o *modus vivendi* e a visão de mundo das sociedades anteriores em que estavam inseridos os denominadores que fizeram as escolhas, entre tantos, de um topônimo para determinado lugar ou acidente hidrográfico, no caso dos rios.

3.1. Topônimo Almas

Quadro 1 – Classificação do topônimo *Almas*

Topônimo: Almas	Município: Almas
Localização: mesorregião oriental do Tocantins – microrregião de Dianópolis	
Estrutura morfológica: elemento específico simples (subst. <i>alma</i> + desin. pl. -s)	
Etimologia: a palavra <i>alma</i> vem do latim <i>anima,ae</i> ‘sopro, ar, alento, o princípio da vida’ (HOUAISS, 2001). Antônio Geraldo da Cunha (2007) observa que <i>alma</i> provém do latim <i>anima</i> ‘essência imaterial do ser humano, espírito’.	
Outros topônimos: São Miguel e Almas, Miguel e Almas	
Contexto Histórico: A cidade de Almas iniciou como um arraial minerador com o topônimo <i>São Miguel e Almas</i> , na década de 1730, época em que chegam ao local os primeiros exploradores em busca de minas de ouro. <i>Almas</i> está localizada entre Dianópolis e Natividade, municípios aos quais foi dependente até 1958, data em que se torna município. São Miguel Arcanjo é honrado e invocado como guardião e protetor da igreja e dos agonizantes, pois é ele quem leva as almas que deixam este mundo junto ao trono de Deus para o julgamento. A igreja invoca-o como advogado de defesa na vida e na morte (REISER, 2008).	
Motivação toponímica: São Miguel Arcanjo	
Mecanismo conceitual: metonímico	
Taxonomia de natureza antropocultural: hierotopônimo – relativo a nomes sagrados	

O topônimo *Almas* é formado por elemento específico simples (subst. *alma* + desin. pl. -s) e está inserido na categoria taxonômica de natureza antropocultural, classifica-se em hierotopônimo por se tratar de um topônimo relacionado à religiosidade. A doutrina cristã, católica ou protestante, considera a alma como uma entidade sagrada e imortal; a essência da vida humana.

A motivação para a escolha desse nome vem do topônimo do antigo arraial de *São Miguel e Almas*, que tinha esse nome em homenagem a São Miguel Arcanjo. O termo *Almas* liga-se a esse santo, porque, na doutrina cristão-católica, Miguel é o santo protetor e defensor das almas que deixam este mundo para levá-las a Deus para o julgamento. Com o tempo, provavelmente, o lugar ficou sendo referido apenas por *Almas* e, a partir de 1938, pela lei estadual nº557, esse topônimo torna-se oficial. A devoção a São Miguel permaneceu até a atualidade como padroeiro da cidade.

Quanto ao mecanismo conceptual, destaca-se a metonímia devido à relação de contiguidade entre a parte pelo todo, no caso, a devoção a uma entidade, a parte, estende-se ao lugar em que moram as pessoas que se dedicam a ela. A religiosidade é uma manifestação do espírito humano, por isso considera que o topônimo de índole religiosa está associado a essa manifestação, isto é, a suas crenças e ideologias. Portanto, nesses casos, a relação que aproxima o lugar e seu nome é o sentimento humano. Esse sentimento faz com que coisas distantes se aproximem, por meio de uma teia de simbolismos promovidos pela linguagem.

3.2. Topônimo Arraias

Quadro 2 – Classificação do topônimo *Arraias*

Topônimo: Arraias	Município: Arraias
Localização: mesorregião oriental do Tocantins – microrregião de Dianópolis	
Estrutura morfológica: elemento específico simples (próclise de <i>a-</i> + subst. <i>raia</i> + desin. pl. -s)	
Etimologia: Em Antônio Houaiss (2001), do latim <i>rāia</i> ou <i>rāja</i> , <i>ae</i> ‘espécie de peixe do mar’. A prótese provavelmente seja devido à junção do artigo feminino permanecendo ‘arraia’ na linguagem não científica. Designação comum dos peixes elasmobrânquios, de corpo achatado, boca e fendas branquiais situadas na face ventral, nadadeiras peitorais muito desenvolvidas, em forma de asas. A cauda longa é provida de dois ou mais ferrões peçonhentos com farpas recurvadas. Podem ser encontradas em águas doces e salgadas. No Brasil, são reconhecidas 30 espécies desse tipo de peixe (FERREIRA, 2004).	
Outros topônimos: Chapada dos Negros, arraial de Nossa Senhora dos Remédios de Arraias	
Contexto Histórico: A cidade de Arraias tem esse nome por estar situada próxima a um ribeirão abundante em espécie desse peixe, a raia. O arraial foi formado a partir do descobrimento das minas de ouro, que ocorreu por volta de 1739. O Governador da Capitania de São Paulo, Dom Luís de Mascarenhas, chega a esse arraial em 1740 e ordena a transferência da população que vivia na Chapada dos Negros para uma área um pouco afastada das minas, que é o local atual da cidade de Arraias. Em 16 de agosto de 1807, o arraial de Nossa Senhora dos Remédios de Arraias foi elevado à condição de Julgado, que, em 18 de março de 1809, foi citado no Alvará de D. João VI criando a Comarca do Norte. Em 1º de	

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

abril de 1833, foi elevada à categoria de vila, instalada em 3 de fevereiro de 1834. Em 1º de agosto de 1914, Arraias foi elevada à categoria de cidade, instalada em 19 de setembro do mesmo ano (FERREIRA, 1958).
Motivação toponímica: Nome do peixe que havia em abundância no pequeno rio que corta a cidade, a raia, popularmente é chamado de arraia.
Mecanismo conceptual: metonímico
Taxonomia de natureza física: Zootopônimo – topônimo de índole animal

O topônimo *Arraias* foi motivado pelo rio de mesmo nome que atravessa a cidade. Nesse rio, como em outros no estado, o peixe *raia*, mais conhecido como *arraia*, era abundante. Provavelmente, o rio Arraias teve muita importância para a formação do lugar, uma vez que os antigos aglomerados humanos foram constituídos sempre próximos aos cursos d'água para o abastecimento do líquido e como fonte de alimento. No caso do lugar em questão, além dessas razões, acrescenta-se a busca pelo ouro que era retirado dos rios e córregos, o chamado ouro de aluvião. Conforme já exposto, Arraias foi um núcleo minerador e sua formação decorreu dessa atividade. Apesar das atividades mineratórias que deram origem ao lugar, o denominador foi impressionado pelo aspecto físico para nomeá-lo demonstrando a cosmovisão do homem ligado a terra e à natureza.

No decorrer da sua existência e das mudanças socioeconômicas e históricas, passa de arraial para vila e depois para cidade, mas o nome foi relativamente mantido. No início do século XIX, o termo *Arraias* estava ligado a Nossa Senhora dos Remédios, cuja devoção ainda se mantém forte em que é reverenciada como padroeira local. Nilza Botelho Megale (1980, p. 325), citando Santo Tomás de Villanova, diz que “Maria é o único remédio para todos os nossos trabalhos, todas as nossas angústias e todas as nossas necessidades”. De acordo com a autora, o povo, conhecedor dessa verdade, deu vários títulos à Maria, tais como: medicina do Mundo, Saúde dos Enfermos, Senhora da Saúde e Nossa Senhora dos Remédios. Este último popularizou-se na Lusitânia, vindo depois para o Brasil.

O topônimo *Arraias* é formado por elemento específico simples, acrescido da prótese de *a-* e *-s* plural. Está inserido na categoria taxonômica de natureza física e classificado como zootopônimo por ser um topônimo resultante de espécie animal. Destaca-se como uma denominação espontânea motivada pelo meio ambiente sem imposição oficial, pelo menos inicialmente. Quanto ao mecanismo conceptual, a presença do processo metonímico é facilmente percebida, pois há uma relação de

contiguidade em que a espécie de peixe que havia em abundância no rio denominou-o e essa denominação estende-se para o nome do lugar.

3.3. Topônimo Conceição do Tocantins

Quadro 3 – Classificação do topônimo *Conceição do Tocantins*

Topônimo: Conceição do Tocantins Município: Conceição do Tocantins
Localização: mesorregião oriental do Tocantins – microrregião de Dianópolis
Estrutura morfológica: Elemento composto híbrido (subst. [português] <i>conceição</i> + prep. <i>de</i> + art. <i>o</i> + subst. [tupi] <i>tocantins</i>).
Etimologia: <i>conceição</i> vem do verbo conceber, gerar, do latim <i>concipere</i> . Conceição ‘origem a’ (conceição da Virgem Maria). Por extensão a festa comemorativa dessa concepção (CUNHA, 2007). Além dessas acepções, Antônio Houaiss (2001) relaciona ao dogma da concepção sem pecado da Virgem Maria. E por metonímia, ordem militar portuguesa instituída por Dom João VI, em 1818, que tinha obrigação de zelar pelo dogma e pelo culto da Imaculada Conceição de Maria. Acresce-se ao vocábulo <i>Conceição</i> , o termo <i>Tocantins</i> que se refere ao grupo indígena que teria habitado junto à foz do rio Tocantins-PA. Em Teodoro Sampaio (1901), encontra-se o termo <i>tucantins</i> corr. <i>tucam-tim</i> , que quer dizer nariz de tucano, ponta de tucano, que deu seu apelido ao rio.
Outros topônimos: Arraial da Conceição, Conceição do Norte
Contexto Histórico: Tudo começou com o arraial da Conceição em 1741, fundada em local agradável e muito rico em ouro, possivelmente, o arraial mais rico em ouro da Província de Goiás, mas com escassez de água. Era cabeça do julgado do mesmo nome. Raimundo José da Cunha Matos (2004), observa que possuía 70 casas e sua população era quase toda formada por negros e pardos. A riqueza do povo era o ouro e a criação de gado vacum nos excelentes pastos do julgado. O arraial foi elevado a vila de Conceição do Norte em 1854. Em 1963, pela Lei Estadual nº 4.486, torna-se município de Conceição do Norte (IBGE, 2015).
Motivação toponímica: Nossa Senhora da Conceição
Mecanismo conceptual: metonímico
Taxonomia de natureza antropocultural: hierotopônimo – relativo a nomes sagrados

O topônimo *Conceição do Tocantins* encontra-se incluso na taxonomia de natureza antropocultural e classifica-se em hierotopônimo por se tratar de nome sagrado. É uma das mais antigas devoções marianas, a de Nossa Senhora da Conceição, que, desde os primórdios da colonização brasileira, tem sido muito produtiva na toponímia, a forma específica *Conceição* (DICK, 1990). Esse termo aparece como topônimo simples ou, como na maioria das vezes, com um determinativo, no caso do topônimo em estudo, Tocantins.

O topônimo, na sua formação lexical, é considerado elemento composto específico híbrido, uma vez que as partes que o compõem são de origens linguísticas diferentes. Sendo *Conceição*, um nome português

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

de origem latina, significa *conceber* e está relacionado à concepção da Virgem Maria.

Já *Tocantins* é de origem tupi, refere-se ao nome de uma tribo indígena, que quer dizer ‘nariz de tucano’. Esse termo nomeia o rio, o estado e está adjacente em outros nomes de cidades, formando um especificador para distinguir a que estado da federação pertence tal lugar, já que alguns topônimos são repetidos em outros estados. Assim, fica claro que *Conceição* é do Tocantins.

A motivação toponímica refere-se à devoção do denominador por Nossa Senhora da Conceição. Isso fica evidente pelo histórico da cidade, quando os primeiros viajantes passam por ela e relatam sobre a construção da igreja dedicada à santa, a qual está preservada até os dias atuais. Mesmo com o passar dos tempos, Nossa Senhora da Conceição continua reverenciada pela população local, sendo a padroeira da cidade.

Conforme Nilza Botelho Megale (1980, p. 112), “muitos séculos antes de a Igreja Católica proclamar o dogma da Imaculada Conceição de Maria, o povo já reconhecia a pureza da Mãe de Deus, concebida sem a mancha do pecado original e celebrava sua festa a 8 de dezembro”. Em 1640, segundo a autora, D. João IV oficializou o culto a Nossa Senhora da Conceição, em Portugal. Após seis anos, dedicou a ela todo o reino português. No Brasil, a sua imagem veio em uma das naus de Pedro Álvares Cabral, tornando-se depois a padroeira da colônia e do Império brasileiro. Percebe-se que a devoção a Nossa Senhora da Conceição está arraigada em nosso país desde os primórdios da colonização, permanecendo até os dias atuais tanto na toponímia quanto na antroponímia, uma vez que o termo *Conceição* é encontrado em todas as regiões do país nomeando lugares e pessoas, além de capelas, igreja e santuários dedicados a esse orago.

Em se tratando do mecanismo conceptual, pode ser considerado um topônimo metonímico por apresentar a relação entre o espaço e a experiência humana (o sentimento religioso) em que o nome do santo padroeiro é utilizado para denominar o lugar. Assim, há uma relação de contiguidade em que parte (santo) nomeia o todo (o lugar). Com isso, percebem-se também as características de signo indexical, visto que o nome do santo está associado ao lugar ou vice-versa, indicando que um faz parte do outro, está em adjacência ao outro.

Quanto à mudança de nome, percebe-se que o termo *Conceição* se manteve ao longo dos séculos de formação do lugar. O que mudou foi o

termo específico que indica a localização. Antes da divisão do estado de Goiás, era Norte, indicando a região desse estado em que ficava localizada. Após a criação do estado do Tocantins, o termo *Tocantins* substituiu o *Norte*. Assim, a sistematização do nome encontra-se desde o início, indicando que a devoção dos primeiros moradores a Nossa Senhora, como força motivadora para tal escolha, resistiu ao tempo. Além disso, representa uma herança de um patrimônio sociocultural português, preservado na toponímia e na antroponímia brasileiras.

3.4. Topônimo Dianópolis

Quadro 4 – Classificação do topônimo *Dianópolis*

Topônimo: Dianópolis	Município: Dianópolis
Localização: mesorregião oriental do Tocantins – microrregião de Dianópolis	
Estrutura morfológica: Elemento simples formado pela base que é um nome pessoal ‘Diana’ + o sufixo <i>-polis</i> . (subst. <i>diana</i> + suf. <i>-polis</i>)	
Etimologia: <i>Diana</i> provém do latim <i>diana</i> , ae ‘deusa da noite, da lua, da caça’ (HOUAISS, 2001) e <i>-polis</i> do grego <i>pólis</i> , <i>eos</i> ‘cidade’. <i>Diana</i> também significa a brilhante, a divina. Personagem mitológica (GUÉRIOS, 1981).	
Outros topônimos: arraial do Duro, vila de São José do Duro	
Contexto Histórico: Segundo José Liberato Costa Póvoa (1999), esta cidade foi fundada por volta de 1751 devido ao aldeamento dos indígenas que habitavam na região, Xacriabá e Acroá. Inicialmente, era um povoado pequeno e pouco habitado situado no topo da Serra do Duro na Província de Goiás, distrito de Natividade, como afirma José Saturnino da Costa Pereira (1834), com o nome de arraial do Duro. Em 1854 o arraial já era distrito de paz, elevado à categoria de vila, pela resolução nº 723 de 26.08.1884. Por decreto-lei a vila de São José do Duro foi elevada a categoria de cidade em 1938, com o nome de Dianópolis, em homenagem a quatro pessoas do lugar, mulheres consideradas de grande prestígio por nome de Custodiana e conhecidas como ‘Diana’.	
Motivação toponímica: as Dianas (Custodianas)	
Mecanismo conceitual: metonímico	
Taxonomia de natureza antro-cultural: Antropotopônimo – relativo a nome de pessoa	

A motivação toponímica para Dianópolis foi em homenagem a quatro mulheres de nome Custodiana, conhecidas como Diana, que eram de famílias “tradicionais” da cidade, a saber: Custodiana Costa Ayres, Custodiana Leal Rodrigues, Custodiana Nepomuceno Wolney Araújo e Custodiana Wolney Póvoa. Ao nome *Diana* foi acrescido o sufixo *-polis*, de origem grega, muito produtivo na toponímia brasileira, que significa “cidade”, ou seja, cidade das Dianas.

Anteriormente, o topônimo atribuído a essa localidade era *Duro*. Inicialmente, o arraial do Duro, em seguida, ao se tornar vila é batizada com o hagiotopônimo *São José do Duro*, permanecendo até 1938 quando

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

é elevada a cidade com o topônimo *Dianópolis*. O termo *Duro*, para alguns autores, advém da serra que se encontra próxima à localidade, Serra do Duro. Essa serra é a Geral ou Espigão Mestre que faz divisa com o estado da Bahia. Para outros, esse termo é a mudança de São José do Ouro para *D'ouro* e depois *Duro*, caso que contraria as regras do português brasileiro, em que há uma tendência à monotongação de [ou] < [o] e não [u]. Quanto ao termo *São José*, está presente na nomeação desse lugar desde os tempos em que era território de aldeamento dos indígenas Acroá e Xacriabá. Com a mudança toponímia, o aspecto religioso desaparece do topônimo, mas o sentimento de devoção a São José permaneceu, consagrando-o como padroeiro do lugar.

A mudança toponímica de *São José do Duro* para *Dianópolis* representa o que Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick (1990) resalta sobre as denominações sistemáticas, por imposição de uma autoridade ou daqueles que têm o poder do mando, distanciando-se das realidades ambientais ou do gosto popular. Em um primeiro momento, percebe-se a força da religião como fator motivador do nome e em seguida, a força política das oligarquias locais. Nesse sentido, pode-se afirmar que a toponímia tem a função, além de outras tantas, de afirmação do poder político, ideológico e sociocultural. Ou seja, “batizar um lugar não significa apenas posse (capitação mental/física), referência, orientação, mas também ideologia e visão de mundo” (SEEMANN, 2005, p. 221).

O topônimo *Dianópolis* encontra-se incluso na taxonomia de natureza antropocultural e classifica-se em antropotopônimo, por se tratar de nomes de pessoas atribuídos a lugar. É constituído por elemento específico simples, com terminação em *-polis*. Quanto ao mecanismo conceitual, apresenta o processo metonímico por constar, na atribuição do nome de pessoa ao lugar, uma relação de contiguidade existencial no espaço, pois as pessoas cujo nome foi transformado em topônimo nasceram e cresceram nesse lugar, fizeram parte da sua história. Como signo linguístico, tem alto grau de indexicalidade, já que *Dianópolis* indica o lugar das Dianias ou o lugar em que viveram.

3.5. Topônimo Natividade

Quadro 5 – Classificação do topônimo *Natividade*

Topônimo: Natividade	Município: Natividade
Localização: mesorregião oriental do Tocantins – microrregião de Dianópolis	
Estrutura morfológica: Elemento específico simples (subst. <i>natividade</i>)	

Etimologia: refere-se ao dia do nascimento, especialmente o nascimento de Jesus Cristo, da Virgem Maria e dos santos. Festa do Natal. Rosário Farâni Mansur Guérios (1981) alega que esse nome se refere particularmente ao nascimento da Virgem Maria. A origem da palavra <i>natividade</i> vem do latim <i>nativitas</i> , <i>atis</i> , que dizer nascimento, natividade (HOUAISS, 2001).
Outros topônimos: Arraial de São Luís, arraial de Nossa Senhora da Natividade
Contexto Histórico: Arraial de Nossa Senhora da Natividade está situado sobre uma colina que é uma ramificação da serra da Natividade (ou Olhos d'Água). Esse arraial foi fundado no ano de 1734 e edificado por Manuel Ferreira de Araújo (controverso). Teve como primeiro topônimo “São Luís” em homenagem ao então governador geral Dom Luís de Mascarenhas. No ano de 1832, o Arraial passou à condição de Vila de Natividade e recebeu duas escolas, uma para o ensino primário e outra para o ensino do latim, dirigidas pelo padre Emílio Marques. Em 26 de agosto de 1933, com seus limites territoriais estabelecidos, tornou-se o Município de Natividade (FERREIRA, 1958). O topônimo é em homenagem à natividade de Nossa Senhora.
Motivação toponímica: Nossa Senhora da Natividade
Mecanismo conceptual: metonímico
Taxonomia de natureza antropocultural: hierotoponímia – relativo a nomes sagrados

O topônimo *Natividade* é formado por elemento simples da língua portuguesa de origem latina e significa *nascimento*. Insere-se na taxonomia de natureza antropocultural, classificado como um hierotopônimo por se tratar de um nome relacionado ao sagrado. Esse termo refere-se à natividade da Virgem Maria, que se tornou devoção pelos cristãos católicos e deixou marcas também na toponímia brasileira.

A motivação toponímica provém da afeição dos primeiros habitantes a Nossa Senhora da Natividade, a qual subsiste por quase três séculos de história. Conforme Nilza Botelho Megale (1980), apesar de não se ter conhecimento da data, a igreja instituiu o dia 8 de setembro para se celebrar a festa da Natividade de Nossa Senhora. Comemora-se o nascimento da Virgem Maria porque ela já teria nascido santa e imaculada, ao contrário dos outros santos que se comemora o dia da morte. No Brasil, foram poucas as igrejas dedicadas à Natividade de Maria e raras são as pinturas que retratam esse fato, segundo a autora. No entanto, na cidade de Natividade, encontra-se uma imagem desse orago que chegou ao local na metade do século XVIII e permanece até a atualidade na sua igreja matriz.

Assim, a religiosidade foi elemento motivador para a escolha desse topônimo. A devoção a Nossa Senhora da Natividade mantém-se viva não só no lugar, mas tomou dimensões ainda maiores, com a criação do estado do Tocantins, torna-se a padroeira do estado. Entretanto, na escolha do primeiro topônimo *São Luís*, o motivo religioso é apenas aparente. Nesse caso, sobressai a motivação política vista como uma imposição

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

daqueles que detêm o poder de mandar, já que o topônimo foi escolhido para homenagear o governador Dom Luís de Mascarenhas.

É importante lembrar aqui que o topônimo não é um signo comum da língua. Ele é fruto de uma escolha intencional, condicionado à cultura e ao contexto histórico, político, religioso de um grupo. Por isso, a toponímia preserva a memória coletiva para as gerações posteriores. Conforme Álvaro José de Souza (2001), ela é um poderoso instrumento de documentação que atua de forma eficaz e honesta na reconstituição da história de um território.

Pela motivação que deu origem ao topônimo *Natividade*, é possível perceber as características do processo metonímico para sua escolha. Esse mecanismo conceptual age quando há uma relação de contiguidade existencial entre forma e significado. Nos topônimos de cunho religioso, essa relação existencial está na devoção do denominador por um santo ou uma santa (parte) que o motiva a escolher o nome do seu santo para nomear o lugar em que habita (todo). É um costume religioso que data dos primeiros colonizadores do Brasil. Eles nomeavam o local de posse ou conquista com o nome de um santo ou uma santa da sua devoção ou do calendário do dia, com intenção de ter a proteção da entidade.

Quanto à relação de contiguidade, também demonstra que o topônimo, tomado como signo linguístico, possui características de signo indexical, pois o nome do santo padroeiro está associado ao lugar ou vice-versa, indicando que um faz parte do outro, está em adjacência ao outro.

4. *Considerações finais*

Conforme a análise, os topônimos foram distribuídos em categorias de natureza antropocultural e física. Quanto à categoria de natureza antropocultural, destacam-se os hierotopônimos, cuja motivação liga a devoção do denominador a uma entidade sagrada. Esses topônimos são *Natividade*, *Conceição do Tocantins* e *Almas*. Nos dois primeiros, o sagrado é visto na devoção à Virgem Maria, no último, a São Miguel, o protetor das almas. Essa prática revela a ideologia religiosa, política e cultural dos colonizadores como a força motivadora para tais escolhas, herança de um patrimônio sociocultural português que ficou preservado nos topônimos.

Há também um antropotopônimo, nome de pessoa dado ao lugar. No entanto, não é qualquer pessoa que tem seu nome transformado em

topônimo. Isso é exclusivo para aqueles que têm o poder de mando, representantes do poder local; personalidades artísticas, figuras consideradas de prestígio ou aqueles que contribuíram de alguma forma com o desenvolvimento socioeconômico local. Encontra-se nessa taxa, o topônimo *Dianópolis*, formado a partir do nome de quatro mulheres “as Dianas” mais o sufixo *-polis*. Essa formação indica uma relação de posse (cidade de ...) entre o local e as pessoas ou famílias, evidenciando a influência delas sobre as demais. Ter um lugar nomeado com esse tipo de composição, antropônimo + sufixo *-polis*, não é um ato simples de nomeação, mas acima de tudo, uma demonstração de poder e da força política das oligarquias locais, muito comum no Brasil. Afinal, a toponímia é uma das esferas sociais em que se encontra com mais precisão as marcas de dominação do poder político, ideológico e sociocultural, visto que quem tem o poder para mandar também tem o poder para nomear.

Quanto ao topônimo Arraias, é a fauna abundante que desperta o denominador, por conseguinte, é classificado como um zootopônimo. No estudo desse topônimo, observa-se que, primeiramente, nomeou-se o curso d'água por este possuir em abundância a espécie do peixe ‘raia’, que na fala popular, transformou-se em ‘arraia’. Assim, rio das Arraias, nomeia o arraial e depois a cidade de Arraias.

Portanto, as motivações que estão por trás dos topônimos das primeiras cidades tocantinenses são variáveis dependendo da mentalidade da época, das ideologias políticas, religiosas e culturais de cada momento. Dessa forma, os aspectos cognitivos, físicos, sociais, culturais e históricos se interseccionam no ato denominativo, os quais impulsionaram o denominador a fazer determinadas escolhas na denominação de um lugar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COUTO, Hildo Honório do. *Ecolinguística: estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus, 2007.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Lexikon editora digital, 2007.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Rede de conhecimento e campo lexical: hidrônimos e hidrotopônimos na onomástica brasileira. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; KRIEGER, Maria da Graça. (Orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Vol. II. Campo Grande: ed. UFMS, 2004.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

_____. *Toponímia e antroponímia: coletânea de estudos*. 3. ed. São Paulo: FFL/USP, 1992.

_____. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 3. ed. Curitiba: Positivo, 2004.

FERREIRA, Jurandyr Pires. *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros XXXVI volume*. 1958. Disponível em: http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/visualiza_colecta_o_digital.php. Acesso em: 10 dez. 2015.

GUÉRIOS, Rosário Farâni Mansur. *Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes*. 3. ed. São Paulo: Ave Maria, 1981.

HOUAISS, Antônio et al. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetivo, 2001.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Cidades do Tocantins*. 2015. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/uf.php?coduf=17>. Acesso em: 30-06-2015.

MATOS, Raimundo José da Cunha. *Itinerário do Rio de Janeiro ao Pará e Maranhão pelas províncias de Minas Gerais e Goiás*. Belo Horizonte: Inst. Cultural Amílcar Martins, 2004.

MEGALE, Nilza Botelho. *Cento e sete invocações da Virgem Maria no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1980.

PEREIRA, José Saturnino da Costa. *Diccionario Topographico do Império do Brasil*. Rio de Janeiro: Typ. Commercial de P. Gueffier, 1834.

PÓVOA, José Liberato Costa. *História didática do Tocantins*. Goiânia: Kelps, 1999.

REISER, Márcio Antônio. *A história dos Santos*. 2008. Disponível em: <http://www.marcioreiser.blogspot.com.br/2008/09/so-miguel-arcanjo.html>. Acesso em: 20-12-2015.

SAMPAIO, Teodoro. *O tupi na geographia nacional*. São Paulo: Casa Eclectica, 1901. Disponível em: http://biblio.etnolinguistica.org/sampaio_1901_tupi. Acesso em: 08-10-2015.

SAPIR, Edward. *Linguística como ciência: ensaios*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1969.

SEEMANN, Jörn. Toponímia como construção histórico-cultural: o exemplo dos municípios do estado do Ceará. *Revista Vivência*, n. 9, 2005, p. 207-224. Disponível em:

https://www.academia.edu/647642/a_topon%C3%8Dmia_como_constru%C3%87%C3%83o_hist%C3%93rico-cultu-

[ral_o_exemplo_dos_munic%C3%ADpios_do_estado_do_ Cear%C3%A1](#).

Acesso em: 11-12-2014.

SOLÍS FONSECA, Gustavo. *La gente passa, los nombres quedan*. Introducción em la toponímia. Lima: G. Herrera, 1997.

SOUZA, Álvaro José de. *Geografia linguística: dominação e liberdade*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2001.